

Estudo 03

A busca pela pureza de vida

(1 Coríntios 4 e 5)

Marcelo Dantas

estudosmec@pibrj.org.br

Após afirmar ser Cristo soberano sobre quem quer que tenha plantado a palavra (1 Coríntios 3), Paulo deseja que os coríntios reconheçam o apostolado dele e de outros. Todavia, ainda que não o reconheçam, o mais importante para ele é que o Senhor o reconheça e, no final dos tempos, lhe retribua conforme sua obediência à Palavra.

No início do texto, “o trecho “não ir além do que está escrito” (4.6) será entendido mais naturalmente como uma referência à Escritura. Em 4.6, os coríntios são instruídos a não transgredir as exortações encontradas e elaboradas a partir das Escrituras, a se gloriar exclusivamente no Senhor (não em líderes humanos) e a reconhecer a unidade do povo de Deus.”¹

Os apóstolos, assim como alguns cristãos hoje, foram perseguidos e esta perseguição foi responsável pelo crescimento e amadurecimento da igreja. Não é por isso que se deve buscar a perseguição pela perseguição, nem a pobreza pela pobreza, mas porque o mundo odeia a Cristo e sua igreja, esta será perseguida.

“Os coríntios são chamados, por Paulo, de seus filhos amados, pois ele é o pai espiritual deles mediante o evangelho. Paulo os conclama a seguirem o seu exemplo, diz a eles que lhes envia Timóteo para lembrá-los do exemplo de vida do apóstolo e que ele mesmo em breve irá visitá-los. Conclui perguntando se desejam receber castigo ou amor e brandura.”²

“Se o problema fundamental dos coríntios são as divisões, a falha mais grave e urgente é que eles estão tolerando em seu meio a presença de um homem que comete incesto. Em 4.18-21, uma seção de transição, Paulo

ameaça os coríntios com severa disciplina, caso não reconheçam sua autoridade. Em 5.1,2, ele repreende os coríntios pela inércia e pede que excluam o ofensor. Em 5.3-5, ele fornece o aval de que dispõe para essa ação. Em 5.6-8, ele apresenta mais uma motivação, num apelo ao interesse espiritual da própria igreja de Corinto: se a remoção do ofensor os beneficia, tolerar a permanência dele os prejudicará. Em 5.9-11, ele facilita ainda mais o afastamento do ofensor ao corrigir um mal-entendido: é dos ofensores de dentro, da família da fé, não dos de fora, que eles devem se afastar. Por fim, em 5.12,13, ele afirma a responsabilidade dos coríntios em agir e encerra a seção com um importante mandamento da Escritura.”³

Por vezes, pais gregos e romanos se casavam com mulheres muito mais jovens, que regulavam idade com os filhos mais velhos. Ainda assim, em todas as culturas da época, o incesto era inaceitável. Na lei romana, a punição para o incesto era o exílio em uma ilha.

Estudiosos entendem que “há dois versículos de Deuterônomo que podem igualmente ter influenciado Paulo. O primeiro é Deuterônomo 27.20 — “Maldito aquele que se deitar com a mulher de seu pai” —, talvez a razão de Paulo “amaldiçoar” o pecador no capítulo 5. O outro é Deuterônomo 22.30 — “Nenhum homem se casará com a mulher que foi de seu pai” —, que pode ter dado a Paulo o ímpeto — de citar a fórmula de expulsão deuteronomica em 5.13.”⁴

“A razão que Paulo apresenta para o afastamento do transgressor relembra o ensino do Pentateuco, em que a expulsão era aplicada por 1) quebra da aliança e 2) culpa por associação, com o fim de 3) manter

¹ Beale, G. K.; Carson, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 877.

² KISTEMAKER, Simon. *1 Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. p. 217.

³ Beale, G. K.; Carson, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 878.

⁴ Idem.

a santidade. Os três temas formam um conjunto de três perspectivas sobre a identidade de Israel: os ofensores eram expulsos porque Israel é a comunidade (tema da responsabilidade coletiva) santificada (tema da santidade) da aliança (tema da aliança) do Senhor, o Deus santo. Esses temas servem de lastro para o ensino de Paulo ao longo de toda a passagem.”⁵

Paulo manda que caso o homem em pecado não se arrependa e abandone a união ilícita, que ele seja expulso da comunidade.

“No pensamento bíblico, a incapacidade de lidar com um membro ostensivamente pecador atrai a possibilidade do juízo de Deus contra todo o grupo (...). O corolário da responsabilidade coletiva — o receio do juízo divino contra a comunidade — é evidente em Josué 7 e em outros textos do AT, e também está presente nos episódios relacionados a Esdras, Neemias e Daniel. Os três presumem que a nação está debaixo da aliança e que a violação do compromisso poderá pôr em risco todo o grupo diante de Deus.”⁶

Alguns estudiosos entendem que Paulo ao proferir que “o ofensor seja entregue a Satanás”, está proferindo uma maldição contra este, que resultará em sua morte. “Entretanto, o conceito de maldição/morte não é a melhor interpretação. Entregar o ofensor a Satanás é devolvê-lo à esfera satânica, fora do ambiente edificante e acolhedor da Igreja, onde Deus opera (...). A “carne” a ser “destruída” é a natureza pecaminosa. Ou seja, 5.5 afirma por metáfora o que Paulo diz literalmente em 5.2,13: o homem deve ser excluído da comunidade da fé.”⁷

Assim, a igreja de Corinto deveria obedecer às ordens divinas e retirar este pecador de seu meio, para que não viesse a levar outros a o imitarem.

“As pessoas desprezam os mensageiros de Deus porque o poder do Espírito se esconde em servos humildes e sofredores como Paulo. A multidão sempre deseja uma liderança vistosa e despreza aqueles que ensinam o que é mais importante e guiam por meio de seu exemplo. Deus envia-nos pais espirituais a fim de nos nutrir, confiando

a eles a lei e o evangelho para o nosso bem espiritual.”⁸

“Pecados como a imoralidade sexual não têm lugar entre o povo de Deus. Cristo, nosso cordeiro pascal, tomou sobre si mesmo os nossos pecados. Por meio do arrependimento e da absolvição, ele nos renova como sua imaculada criação.”⁹

⁵ idem. p. 878-879.

⁶ ibidem. p. 879.

⁷ ibidem. p. 880.

⁸ *Bíblia de Estudo da Reforma*, Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1933.

⁹ *Bíblia de Estudo da Reforma*, Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1934.